



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 3, número 2, maio-ago 2014

A INSTABILIDADE DAS CATEGORIAS E OS PROCESSOS DE RECATEGORIZAÇÃO NA ESCRITA E LEITURA DO TEXTO LITERÁRIO



INSTABILITY OF CATEGORIES AND RE- CATEGORIZATION PROCESSES IN WRITING AND READING OF LITERARY TEXT

Jessé de Sousa MOURÃO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 26/04/2014 • APROVADO EM 30/09/2014

Abstract



The present article aims to discuss the importance of categories and re-categorization processes for writing and reading experiences involved in literary texts. We assume that the knowledge acquired by individuals over the life is essential for construction of senses and sharing of knowledge. In contrast, the same concepts become relatively common and unconscious to the point of produces quite conventional readings (of the world and texts), which come to keep the reader away from a deeper understanding of literary text. On one side, there is the writer who "manipulates" the language and categories in a more intentional way, mixing perceptions to create new meanings. On the other, there are readers who need to develop skills that allow them to move through language and knowledge to overcome the limits of conventionalities and achieve multiple meanings. The theoretical contributions of Lakoff (1987), Bazerman (2005), Fauconnier and Turner (2002) and Marchuschi (2006) provide ways of identifying some cognitive processes of re-categorization in conceptual and textual constructions performed by individuals. With regard to the reading of literary texts, it seems essential that the categories should be treated as fluid and liable to redefinition, so that the reader can surpass textual superficiality (without neglecting it). To exemplify this perception, we end the paper with an analysis of a passage from the poem *O guardador de ovelhas* by Fernando Pessoa, under his Alberto Caeiro heteronym.

Resumo

O presente artigo tem por finalidade discutir a importância das categorias e dos processos de recategorização nas experiências de escrita e leitura do texto literário. Partimos do pressuposto de que os conhecimentos adquiridos pelos indivíduos ao longo da vida são imprescindíveis à construção dos sentidos e ao compartilhamento dos saberes. Em contrapartida, esse mesmos conceitos tornam-se relativamente comuns e inconscientes a ponto de provocar leituras (do mundo e dos textos) bastante convencionais, as quais chegam a afastar o leitor de compreensões mais aprofundadas do texto literário. De um lado, há o escritor que "manipula" a linguagem e as categorias de forma mais intencional, misturando percepções para criação de novos sentidos. Do outro, há os leitores, que precisam desenvolver habilidades que lhes permitam transitar entre a língua e seus conhecimentos para ultrapassar os limites das convencionaisidades e alcançar múltiplas significações. As contribuições teóricas de Lakoff (1987), Bazerman (2005), Fauconnier e Turner (2002) e Marchuschi (2006) permitem identificar processos de recategorização nas construções cognitivas, conceituais e textuais que os indivíduos empreendem. Quanto à leitura do texto literário, parece imprescindível que as categorias sejam encaradas como fluidas e passíveis de resignificação, para que o leitor transpasse a superficialidade textual (sem negligenciá-la). Para exemplificar tal percepção, realizamos, ao final do artigo, uma análise de um trecho do poema *O guardador de rebanhos*, de Fernando Pessoa sob o heterônimo de Alberto Caeiro.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Reading. Categorization. Re-categorization. Literary text.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Categorização. Recategorização. Texto literário.

Introdução

As línguas refletem um dos processos mais importantes para a construção dos conhecimentos: a categorização. É bastante veiculado nas ciências cognitivas (LAKOFF, 1987; ROSCH, 1973; FELTES, 2007) que organizamos a realidade com a qual interagimos em grupos que chamamos de categorias. À medida que experimentamos realidades recorrentes, as convencionamos em padrões reconhecíveis. Se, por um lado, essa convencionalidade das categorias é essencial para a comunicação humana, por outro, ela nos faz tomar muita coisa como pressuposto, e fazer inferências mais diretas, inconscientes e superficiais dos significados transportados nos textos. Como tentaremos mostrar neste trabalho, esse problema é agravado quando se trata do texto literário, visto que ele opera com construções de sentidos mais intencionalmente simbólicas e exige maior esforço cognitivo em um nível mais consciente de interpretação e manipulação conceitual das categorias.

Para situar nossa discussão, assumimos uma abordagem sociocognitivista de texto e linguagem. Nesse plano teórico, as contribuições de Lakoff (1987), Bazerman (2005), Fauconnier e Turner (2002) e Marchuschi (2006), entre outros, servem de base para realçar a importância da cognição, do texto e da sociedade no desenvolvimento de competências criativas e leitoras de qualquer texto, principalmente do literário.

Noções de categorização

A partir do momento em que nascemos, iniciamos um processo de interação com o mundo. Nesse processo, começamos a construir conceitos e identidades de nós mesmos e de tudo que nos rodeia. Essas conceitualizações, no entanto, não se formam de maneira isolada ou individualizada, pois logo percebemos que há semelhanças, regularidades e interações recorrentes estabelecidas entre nossos pares e tudo o mais que nos circunda.

Como resultado dessa percepção, passamos a organizar/agrupar – de forma que ainda não se sabe muito bem como – a nossa experiência com as entidades abstratas e concretas em grupos, classes ou categorias. Essa capacidade é principalmente complexa e importante quanto tratamos de linguagem, pois esta e as categorizações parecem estar interligadas e presentes no processo da aprendizagem humana e no desenvolvimento da comunicação. Quando observamos que há algumas coisas parecidas, padrões repetidos e relações semelhantes, logo construímos categorias que tornam nossa linguagem, conceitos

e referências mais reconhecíveis e acessíveis ao nosso pensamento e durante nossas interações comunicativas.



No domínio da linguagem e comunicação, Bazerman (2005, p. 29) fala que:

uma maneira de coordenar melhor nossos atos de fala uns com os outros é agir de modo típico, modos facilmente reconhecidos como realizadores de determinados atos em determinadas circunstâncias.

De acordo com ele, seguimos padrões comunicativos para facilitar a compreensão daquilo que estamos tentando dizer ou realizar, num processo que ele chama de *tipificação*. Embora ele esteja tratando, nesse trecho, dos gêneros textuais, essa noção que ele emprega torna-se pertinente em termos de categorização, visto que a classificação de textos em tipos é um processo de categorização. De modo geral, podemos dizer que, grande parte de todo o nosso pensamento, linguagem e cognição é estruturada em categorias.

A forma como categorizamos, no entanto, ainda é controversa e em grande parte desconhecida. Diversos teóricos já desenvolveram estudos para tentar explicar esse fenômeno, mas ainda não se chegou a uma conclusão definitiva. Desde os estudos clássicos, com Aristóteles, as categorias são um assunto que desperta o interesse de muitos. Nesse período inicial, elas eram entendidas como agrupamentos de elementos que possuíam propriedades inerentes em comum. Nessa concepção, o trabalho da construção de conceitos era mediado pela lógica, sendo que qualquer elemento precisava apresentar condições suficientes e necessárias para pertencer a uma determinada categoria. Essa teoria é reconhecida hoje como a teoria clássica das categorias.

Posteriormente, Wittgenstein (1953, apud LAKOFF, 1987) apresentou contribuições a essa teoria ao sustentar que os limites das categorias não eram tão fixos como se pensava, e alguns elementos se ajustavam em categorias sem apresentar propriedades em comum. Como alternativa, ele sugeriu que muitas categorias eram estruturadas por semelhanças de família (*family resemblances*), em que os membros de determinada família se assemelhavam por diversos meios e formas e não apenas por propriedades inerentes comuns a todos os participantes.

Com o desenvolvimento das ciências cognitivas, outras propostas foram apresentadas. Uma das que tiveram mais destaque foi a de Eleanor Rosch (1960-1980) que apresentou a Teoria dos Protótipos, baseada na ideia de que as categorias possuíam *efeitos prototípicos* (alguns elementos são mais representantes de uma categoria do que outros). Apesar da contribuição ao estudo das categorias, ao levantar a necessidade de os modelos teóricos darem conta desse efeito prototípico, ela mesma (Rosch) reconheceu que os protótipos não constituíam representações mentais, nem modelos de representação de categorias, e nem eram suficientes para traçar a estrutura interna das categorias.

Como não pretendemos aqui elaborar uma teoria da categorização, mas partir de postulados mais amplamente reconhecidos e compartilhados pela linha cognitivista dos estudos linguísticos, fizemos essa brevíssima retomada teórica apenas com o intuito de situarmos a abordagem de categoria adotada neste

trabalho. E o ponto que destacamos é a noção já observada e aceita (desde Wittgenstein) de que as categorias não têm seus limites bem delimitados e fixos. Desse modo, podemos afirmar que as categorias não são representações exatas e estabilizadas dos elementos externos, e nem temos uma compreensão clara e absoluta de como os membros de uma categoria passam a fazer parte e ser reconhecidos como pertencentes a uma classe. O que sabemos, no entanto, é que toda a realidade com a qual interagimos é estruturada e construída a partir de uma organização suficiente para possibilitar a aprendizagem, as atividades comunicativas e outros processos cognitivos.



Apesar dessa instabilidade das categorias, não podemos negar que os sistemas que envolvem as categorizações, como a aprendizagem e a própria linguagem, são bastante convencionalizados. Neste contexto, é difícil imaginar um sistema de estruturação cognitiva ou linguística em que cada coisa que fosse dita, pensada, conceitualizada ou referenciada fosse algo original, novo, sem nenhuma relação inferencial com elementos anteriores. Estamos constantemente repetindo atitudes, experiências e estruturas linguísticas convencionalizadas em nossas comunidades discursivas. Isso possibilita, por exemplo, a otimização do processo comunicativo, pois nossas convenções nos permitem construir *modelos cognitivos*¹ relativamente estáveis, que, por sua vez, agrupam conhecimentos compartilhados carregados de associações e informações, as quais são resgatadas cognitivamente para a construção de significações sem a necessidade de explicitação de todos os conceitos referidos.

Nós fazemos isso com tamanha naturalidade que todo esse processo se torna bastante automático. Não nos damos conta das categorizações e resgates cognitivos/discursivos que fazemos a todo instante. Como afirma Lakoff (1987), grande parte de nossas categorizações é automática e inconsciente. O ponto problemático disso é que passamos a aceitar muita coisa como pressuposto e a fazer associações muito diretas, literais e unívocas entre linguagem e *realidade*, entre mundo e mente. É por isso que nós não nos perguntamos como podemos ver uma coisa como uma coisa, porque assumimos que o sentido vem da coisa em si, e não do nosso trabalho mental; assim como aceitamos que o significado de uma imagem está na própria imagem, e não na interpretação que fazemos de suas formas (FAUCONNIER; TURNER; 2002). Em outras palavras, Fauconnier e Turner (2002, p. 8) colocam que “the ability to perceive everyday analogies, like the ability to perceive everyday identities, is completely taken for granted by human beings at the conscious level”³.

As categorias na escrita e leitura do texto literário

Quando trazemos essa discussão para o estudo do texto, especificamente em relação à construção e leitura do texto literário, alguns outros problemas surgem. É bom deixar claro que não pretendemos simplificar a natureza do texto não literário/criativo, pois assumimos que qualquer organização textual, em todas as suas variações de gênero, tipo, formato, extensão e linguagem, apresenta suas respectivas complexidades. A diferenciação feita é simplesmente por uma questão

de recorte de estudo. Desse modo, é destacado aqui o texto literário por acreditarmos que ele exige um maior esforço cognitivo no momento de sua interpretação, visto que é, de modo geral, intencionalmente mais simbólico e estruturado com unidades criativas e imaginativas, além de apresentar categorias manipuladas de maneiras não convencionais. Apesar de o texto não literário também poder apresentar essas características (como nos anúncios publicitários, por exemplo), o emprego dessas *técnicas* de escrita pode trazer uma complexidade a mais ao texto literário, pois o ponto de partida da significação desse tipo de texto é muitas vezes *restrito* à linguagem verbal, às palavras ou expressões linguísticas materializadas na superfície textual. Estamos realçando, aqui, o texto majoritariamente expresso em palavras em comparação com aquele que emprega recursos multimodais (imagens, gráficos, vídeos, sons etc.) para fornecer mais possibilidades e *inputs* significativos.

No contexto escolar brasileiro, principalmente nas aulas de literatura, produção textual e leitura, é muito comum a ideia de que o texto poético/criativo/literário é difícil de ler. A expressão estereotipada *brasileiro não gosta de ler* pode ter relação com esse contexto e exemplifica essa visão um tanto negativa do texto literário (e do leitor brasileiro). Tal compreensão parece ter raízes, também, em uma noção tradicional de linguagem ainda bastante impregnada nas escolas e na sociedade em geral. Noção esta que apresenta a língua como um conjunto de símbolos que representam as entidades da realidade. Nesse modelo, cada elemento no mundo tem um representante (um *signo linguístico*) na mente do indivíduo. Há uma separação entre língua e realidade, e a relação entre esses dois domínios se dá de forma bastante espelhada. É daí que surge, também, a noção tradicional de literalidade, em que cada palavra possui um elemento (e um sentido) correspondente direto, estático, mais básico e primeiro.

O problema dessa abordagem tradicional é que ela não se encaixa no modelo de estruturação e uso da língua empregado pelos escritores e falantes em geral. Quando analisamos uma poesia, ou qualquer outro texto enquadrado no cânone da arte literária, percebemos como as unidades linguísticas/semânticas/cognitivas fogem aos padrões congelados nas gramáticas e nas convenções do senso comum.

Esse distanciamento está, principalmente, no fato de que nossa compreensão tradicional de língua e o próprio sistema linguístico transportam uma quantidade inumerável de categorias convencionalizadas, as quais passam a ser tomadas como verdades absolutas, sem mesmo nos darmos conta disso. O escritor do texto literário, por outro lado, tenta subverter esse fluxo previsível das construções dos sentidos e manipula a linguagem de forma a ressignificar o mundo, colocando em destaque coisas que, de outro modo, passariam despercebidas.

Entre os diversos mecanismos de construção de sentido utilizados na criação poética e literária, as categorias parecem ser um dos mais produtivos. Os textos não literários, por terem uma função mais informacional e denotativa, escolhem aquelas categorias que são mais convencionais e prontamente reconhecidas pelos seus leitores-alvo (cabe acentuar que, a despeito disso, os limites entre texto literário e não literário nem sempre são tão claros). Alguns

gêneros textuais como notícia, receita, reportagem, manual de instruções, carta, *e-mail*, tutorial, entrevista e milhares de outros não têm a pretensão de *esconder* nada do leitor; pelo contrário, seus conteúdos devem ter o máximo de explicitação e informação possível para que o texto cumpra bem seus respectivos propósitos. Mas nos gêneros literários, os autores parecem brincar de *esconde-esconde* com seus leitores, construindo diversos sentidos camuflados, os quais precisam ser *desvendados* pelo leitor. O autor não faz isso porque quer esconder, de fato, suas ideias; ou não quer que o leitor compreenda suas intenções. Partimos da premissa de que ele faz isso porque quer dizer as coisas de outro modo, quer conduzir o leitor por um mundo diferente do óbvio. Como ele faz isso? A hipótese aqui apresentada é de que ele desconstrói as categorias convencionais e recategoriza seus elementos fazendo emergir novos sentidos.

Imaginemos: se uma categoria é uma estrutura formada por um grupo de elementos convencionados pela sociedade e pelo uso, toda vez que nos referimos a um desses elementos não precisamos resgatar conscientemente todos os princípios e motivos categorizantes nem as relações estabelecidas com a categoria e com os outros elementos pertencentes àquela classe. Tudo isso é feito de forma automática e inconsciente, como afirma Lakoff (1987). Neste sentido, o que o autor do texto literário faz é trazer o processo de categorização para um nível relativamente consciente.

Em outras palavras, o autor desvincula um elemento de uma categoria convencional e o transporta para outra não convencional. Esse movimento de descategorização e recategorização causa um efeito de *estranhamento*, um tipo de *impertinência semântica*, como proposto por Cohen (1974, apud GARCIA, 2006); ou de *desestabilização momentânea* (LEITE, 2007). Quando uma determinada entidade é realocada em uma categoria não convencional, aquela é posta em destaque, tornando-se mais visível e surge a necessidade de se tentar compreender porque que aquele elemento está naquele lugar, qual sua relação com a nova categoria e que significação nova é adquirida. A metáfora, a metonímia, a analogia ou comparação são os exemplos mais comuns de estruturas de recategorização.

Assim, num primeiro momento, o autor constrói a coerência de seu texto com o auxílio de sua capacidade de imaginação que lhe permite a manipulação relativamente consciente das categorias. O seu domínio dos recursos da linguagem e da materialidade linguística deve lhe possibilitar construir esse ambiente textual-cognitivo-discursivo, no qual o leitor vai transitar e cooperar com as intenções do autor para a construção dessas novas significações. Tentaremos exemplificar um pouco desse processo, a seguir.

Análises de recategorizações no poema “O guardador de rebanhos”

Tomaremos como exemplo um trecho do conjunto de poemas “O guardador de rebanhos”, de autoria de Fernando Pessoa, sob o heterônimo de Alberto Caeiro. Os poemas foram escritos em 1914 e publicados, com exceção do 8º poema, em 1925 nas 4ª e 5ª edições da revista *Athena*. No trecho aqui analisado, observamos

como o autor emprega processos de recategorização para ressignificar a experiência de seu fazer poético. As pistas linguísticas e expressões servem como gatilhos de enquadres cognitivos que possibilitam ao leitor o resgate de suas próprias categorias e a coconstrução dos significados:



O GUARDADOR DE REBANHOS

Eu nunca guardei rebanhos,
Mas é como se os guardasse.
Minha alma é como um pastor,
Conhece o vento e o sol
E anda pela mão das Estações
A seguir e a olhar.
Toda a paz da Natureza sem gente
Vem sentar-se a meu lado.
Mas eu fico triste como um pôr de sol
Para a nossa imaginação,
Quando esfria no fundo da planície
E se sente a noite entrada
Como uma borboleta pela janela.

Mas a minha tristeza é sossego
Porque é natural e justa
E é o que deve estar na alma
Quando já pensa que existe
E as mãos colhem flores sem ela dar por isso.

Como um ruído de chocalhos
Para além da curva da estrada,
Os meus pensamentos são contentes.
Só tenho pena de saber que eles são contentes,
Porque, se o não soubesse,
Em vez de serem contentes e tristes,
Seriam alegres e contentes.

Pensar incomoda como andar à chuva
Quando o vento cresce e parece que chove mais.

Não tenho ambições nem desejos
Ser poeta não é uma ambição minha
É a minha maneira de estar sozinho.

E se desejo às vezes
Por imaginar, ser cordeirinho
(Ou ser o rebanho todo

Para andar espalhado por toda a encosta
A ser muita cousa feliz ao mesmo tempo),
É só porque sinto o que escrevo ao pôr do sol,
Ou quando uma nuvem passa a mão por cima da luz
E corre um silêncio pela erva fora. (PESSOA, 2008, p. 13).

Observemos como o autor abre o poema construindo um espaço de comparação: “Eu nunca guardei rebanhos, / Mas é como se os guardasse”. Tal recurso, compactado na expressão “como se”, prepara o leitor para um exercício de analogia, em que será possível categorizar coisas não ocorridas como já conhecidas e realizadas. Surge então a necessidade de se compreender porque o eu-lírico tem essa sensação de já ter cuidado de rebanhos. A resposta que ele mesmo dá é que sua alma é como um pastor. Logo seu pastoreio não é um pastoreio real com rebanhos de verdade, mas é um pastoreio psicológico, construído através da imaginação e dos sentimentos. A recategorização de alma como pastor sugere que a alma perde suas propriedades abstratas e fluidas, e assume propriedades de um corpo, o corpo de um pastor que percorre os caminhos apascentando suas ovelhas, e por isso “Conhece o vento e o sol / E anda pela mão das Estações / A seguir e a olhar”. Dessa forma, os sentimentos são supervalorizados e parecem proporcionar experiências tão reais quanto às físicas. É preciso perceber que a palavra “Estações” está sendo empregada com inicial maiúscula, uso comum em nomes próprios, e por isso não deve ser entendida apenas no seu sentido comum de estações do ano. Como o texto poético, no formato tratado aqui, não usa mão de recursos multimodais, parte de sua matéria-prima para significação é a própria expressão gráfica. Nesse sentido, qualquer uso de recurso gráfico que fuja do uso formal ou convencional da língua é indicativo de sentidos diferenciados, simbólicos ou figurados, de movimentos de categorias.

Esse momento específico do estado de espírito do eu-lírico é descrito como “Toda a paz da Natureza sem gente” que vem sentar-se ao seu lado. Toda essa tranquilidade da natureza, sem a participação de pessoas, parece introduzir uma ideia de solidão. Uma natureza (também com N maiúsculo) que parece descansar de toda sua agitação e se dispõe a ser contemplada/sentida. Isso é confirmado no restante da estrofe: “Mas eu fico triste como um pôr de sol/ Para a nossa imaginação/ Quando esfria no fundo da planície/ E se sente a noite entrada/ Como uma borboleta pela janela”. Notemos como a tristeza é recategorizada como o pôr do sol; e o pôr do sol (como fenômeno físico natural) é recategorizado como um pôr do sol da imaginação, a qual é, por sua vez, recategorizada como o sol que esfria no fundo da planície; e então chega a noite, uma noite da imaginação. Todo esse processo de reconstrução e inter-relação de categorias mostra que há uma integração maior entre duas grandes *isotopias*²: a isotopia dos sentimentos e a isotopia da natureza. E ao longo de todo o poema esse vai ser o movimento de construção de sentidos, em que os sentimentos são recategorizados como elementos e fenômenos da natureza e vice-versa.

Parece que o eu-lírico reúne esses dois domínios para descrever o seu próprio fazer poético. A introdução de alma e imaginação no poema pode conduzir o leitor a relembrar que esses dois elementos são essenciais na escrita poética. Mas está sendo descrito um momento específico na vida do poeta: o momento da solidão, principalmente da solidão de pensamentos e imaginação, quando esta, assim como o sol, põe-se e esfria no fundo da planície. Nesse contexto, o pôr do sol é descrito, inicialmente, como algo negativo. Isso poderia ser justificado pelo fato de que, em um ambiente natural, quando o sol se põe tudo escurece, as coisas não ficam tão visíveis e tudo fica mais silencioso. Quando transpomos a imaginação

para essa categoria, podemos inferir que há momentos em que o raciocínio é pouco produtivo, e que, mesmo com muito esforço de pensamentos, não se consegue ver muita coisa, pois o ambiente de formação das ideias está muito obscuro, como uma noite escura.

A partir daí, o eu-lírico começa a se conformar com sua tristeza. Esta passa a adquirir um aspecto positivo, pois é ressignificada como sossego. E ela só é assim porque, na visão do autor, é “natural e justa”. Então, até essa tristeza (sossego na imaginação) deve ser respeitada, porque faz parte do natural, não é mero fruto do esforço criativo ou imaginário, mas é algo que se aloja na alma do poeta e apenas se faz sentir. Ao invés de perceber esse período de tristeza/tranquilidade como um momento inútil, o poeta reconhece que tal momento é bastante produtivo, pois até nesses momentos se colhem flores, sem mesmo se dar conta disso, dando uma ideia de que os sentimentos afloram nesse período.

Logo em seguida o eu-lírico recategoriza os seus pensamentos contentes como “... um ruídos de chocalhos / Para além da curva da estrada”. Para que o leitor construa os significados de forma mais coerente com os efeitos de sentidos pretendidos pelo autor, é necessário que o primeiro assuma uma posição de leitor-observador. A proposta de um leitor-observador foi tratada por Leite (2007), combinando as noções de leitor-modelo de Eco (2004) com o conceito de observador de Bertrand (2003). Nessa concepção, o conceito de leitor contempla tanto sua manifestação quanto sua atuação no processo de leitura, e ele (leitor) passa a ser considerado uma instância de produção de sentidos, ao mesmo tempo cognitiva, textual e sociocultural. Não é apenas um leitor que assiste passivamente ao espetáculo textual, mas é um ator que participa do ato e contribui significativamente para o cenário de sentidos.

Assim, nos versos do poema destacados acima, é preciso que o leitor se posicione como um observador da cena descrita. Ele precisa se imaginar como um pastor que está na estrada e ouve os barulhos de chocalhos em algum lugar além da curva. Nessa construção imagética, o observador (leitor/poeta) não visualiza o que está produzindo os barulhos, mas apenas os ouve, e por isso constrói especulações que podem se confirmar ou não. Quando “um ruído de chocalhos” passa a significar os “pensamentos contentes” do poeta, o leitor é licenciado a reconstruir esse cenário, transformando os ruídos em pensamentos que estão em algum lugar distante da percepção clara, e que, por não serem visivelmente conhecidos, são imaginados como contentes pelo poeta. O problema desse pré-julgamento dos pensamentos ainda inalcançados é que eles podem ser exatamente aquilo que se esperava, e por causa da sua obviedade causariam essa tristeza e não apenas a alegria do novo. O fator negativo dos pensamentos distantes seria eliminado se o poeta/observador não os pré-qualificasse antes de conhecê-los de fato. Isso pode ser inferido quando o eu-lírico informa que preferiria não saber que seus pensamentos eram contentes. O eu-lírico parece estar sugerindo que os pensamentos seriam mais naturais e, por isso, melhores, se viessem como são, sem qualidades pré-concebidas, deixando-os fluir naturalmente, sem forçar a imaginação.

Isso também é confirmado nos próximos versos quando o poeta escreve: “Pensar incomoda como andar à chuva / Quando o vento cresce e parece que chove

mais”. O esforço imaginativo, na tentativa de pensar em alguma coisa e construir ideias, é recategorizado como algo tão incômodo como andar na chuva. E assim como irrita quando o vento cresce e parece que a chuva aumenta, quanto mais se pensa, mais incômodo é. Nesse caso o pensar é retratado como algo incômodo ao fazer poético. Podemos inferir que a inspiração do poeta não é algo que vem do esforço racional, mas dos sentimentos.

Nas estrofes finais do poema, o eu-lírico expõe que sua experiência de escrever poesia é tão profunda e verdadeira que ele tem vontade de ser um daqueles cordeirinhos (e até todo o rebanho) de seu apascentar psicológico, pois isso lhe possibilitaria experimentar muitas felicidades, como inferimos do texto. Cabe lembrar que esses cordeirinhos já foram recategorizados, ao longo do poema, não apenas como os próprios animais, mas como sensações, pensamentos e sentimentos. Ser esses cordeirinhos parece sugerir um estado de espírito em que diversos sentimentos são experimentados. Isso mostra que há uma integração entre realidade e imaginação poética. As duas se confundem e passam a ser a mesma coisa.

Mas esse momento de elaboração poética é diferente e específico. Porque é um momento em que ele sente o que escreve “ao por do sol”. Essa observação é importante, porque é exigida do leitor essa capacidade de recategorização constante entre os elementos apresentados. Se o leitor não se der conta disso, ele pode muito bem compreender uma única isotopia de uma construção poética. Ou seja, é perfeitamente possível e coerente entender esse *por do sol* no seu sentido fenomenológico. Assim, o eu-lírico pode estar se referindo a um momento de escrita no período do início da noite, quando o sol se punha. Esse tipo de construção é um dos mais problemáticos, porque é uma estrutura bastante convencional, com um significado direto e compreensível na primeira leitura. E geralmente quando alguém se depara com essas categorizações convencionais, o esforço cognitivo necessário para romper com elas é muito maior. Ou seja, se o sentido já foi entendido, porque buscar por outro?

Embora a interpretação dessas formações mais convencionais seja coerente, ela é muito superficial. Mas se o leitor atentou bem para as pistas linguísticas e recategorizadoras, ele vai lembrar que na primeira estrofe o poeta recategorizou *tristeza* como o *pôr do sol*. Percebendo isso, abre-se outra possibilidade de interpretação dentro de outra isotopia: o pôr do sol significando tristeza, solidão, sossego. Assim, poderíamos fazer inferências em duas vias: a) na isotopia da natureza, numa perspectiva em que quando chega a noite, escurece e tudo fica silencioso e b) na isotopia da imaginação, numa possibilidade de interpretação em que, quando a imaginação reduz sua produtividade, não há muitas ideias e os pensamentos não são claros, restando apenas sentir aquele momento. Quando o leitor consegue fazer essas integrações de categorias, as significações são ampliadas, pois ele passa a dispor de mais significados para alimentar sua leitura e adquire um maior repertório de sentidos que guiarão suas escolhas semânticas.

No poema, a impressão deixada pelo eu-lírico é que o fazer poético é construído a partir de uma experiência de pensar menos e sentir mais. Desse modo, podemos afirmar que os movimentos de recategorização não são unidirecionais, mas ocorrem em mão dupla. Não é apenas a alma que *deixa de ser*

alma e passa a ser pastor, mas é também um pastor que se descarna de um ser que anda, apascenta e age para se transformar em uma alma que sente. Com essa manipulação conceitual das categorias é possível construir não apenas um cenário de um pastor que guarda seu rebanho, mas também de um poeta que guarda seus pensamentos, que os tranquiliza, abrindo espaço para os sentimentos.

Considerações finais

Como vimos, a compreensão de um texto poético ou literário pode ser empobrecida quando não se assume uma postura leitora que trate as categorias como entidades fluidas. Conforme Marcuschi (2006, p. 15), “as categorias não podem ser tomadas como estruturas invariantes capazes de realisticamente agruparem a realidade extra-mental de modo culturalmente insensível”. Assim, quando o leitor prende-se às categorias convencionais, sem questioná-las ou desestruturá-las, o texto literário ou não vai ser compreendido ou vai ser compreendido muito superficialmente.

Para romper cognitivamente os limites das categorias que já estão enraizadas e estabilizadas é preciso atentar para as construções linguístico-textuais que o autor desenvolve ao longo do texto. Os elementos linguísticos são, portanto, indispensáveis. Conforme Rizatti (2001, p. 23), “entender como acontece o processo de categorização é, de certa forma, essencial para se elucidar a questão das escolhas linguísticas que os indivíduos fazem na construção do discurso”. Além de concordar com a afirmação da autora, sugerimos o caminho inverso: as escolhas linguísticas expressas no texto ajudam a compreender o processo de categorização. Dito de outro modo, as recategorizações são mais coerentemente viabilizadas quanto se questionam e analisam tais escolhas.

No poema analisado, como em qualquer outro texto literário, o autor poderia muito bem descrever o fazer poético por meio de uma linguagem mais direta e convencional, sem as analogias e simbologias utilizadas. Mas se isso fosse feito, o texto poderia ter seu potencial de significação reduzido. Além disso, o leitor teria uma participação menos ativa, pois grande parte dos significados já estaria explicitada. E como o esforço interpretativo/cognitivo seria diminuído, o acesso às intenções do autor seria mais rápido e direto. Nesse caso o senso comum e a visão de mundo convecionalizada poderiam prevalecer, bloqueando a construção de novas perspectivas e sentidos.

Quando um autor opta por escrever um texto simbólico e criativo, ele desestrutura as categorias convencionais e as reintegra em novos espaços fazendo-as adquirir novas significações. E conforme Lakoff (1987), mudar o conceito de uma categoria é mudar não apenas um conceito da mente, mas também a nossa própria compreensão de mundo. Esta talvez seja a maior intenção do autor/poeta: conduzir-nos a uma nova maneira de ver a realidade.

Embora o autor tenha em mente alguns efeitos de sentido e pretenda instigá-los na mente do leitor, tais sentidos não estão prontos e acabados, simplesmente para serem decodificados ou reconhecidos na leitura. Na verdade, o

autor apresenta as categorias e estabelece, através da escrita, algumas relações entre elas, mas cabe também ao leitor emprestar seu próprio conhecimento de mundo e suas próprias categorias para, em combinação com os elementos textuais, fazer emergir diversos significados.

Nossa sugestão é que para se desenvolver uma compreensão leitora adequada do texto literário é preciso partir de uma noção de língua em que as categorias, mesmo sendo em grande parte convencionais, não são fixas ou absolutamente estabilizadas. Uma observação rápida da linguagem cotidiana permite ver que estamos constantemente fazendo integrações conceptuais e mesclando as categorias para criar novos sentidos, mas fazemos isso de uma maneira muito automática e inconsciente. Para a leitura literária, é preciso *duvidar* das categorias que já vêm prontas e trazer o processo de recategorização para um nível cognitivo mais consciente. E, nesse processo, é necessário haver uma interação harmoniosa e coerente entre as unidades linguísticas apresentadas na superfície textual, a cognição individual e os conhecimentos construídos socioculturalmente.

Notas

¹ Lakoff (1987) fala sobre modelos cognitivos e modelos cognitivos idealizados.

² Ricardo Leite (2007), em sua tese, apresenta o conceito de isotopia como uma estratégia textual fundamental para os processos de recategorização. De acordo com ele, a isotopia representa o plano de significação de uma categoria. Alguns elementos textuais podem servir como um conector de isotopias, assim, pode ocorrer a sobreposição de isotopias gerando uma configuração de sentido que pode ser lida de dois modos, sob duas isotopias, permitindo a leitura plural do texto. No poema analisado, a isotopia dos sentimentos possibilita a interpretação do plano de significação dos elementos relativos aos sentimentos, enquanto que a isotopia da natureza, mesclada com a outra, permite a interpretação dentro do plano de significação dos fenômenos naturais.

³ “A capacidade de perceber analogias, assim como a habilidade de perceber identidades cotidianas, é completamente tomada como pressuposto pelos seres humanos em um nível consciente” (tradução nossa).

Referências

BAZERMAN, C. Atos de Fala, Gêneros Textuais e Sistemas de Atividades: como os textos organizam atividades e pessoas. In: DIONÍSIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. C. (Org.). **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Revisão técnica de Ana Regina Vieira et al. São Paulo: Cortez, 2005. p. 19-46.

BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru/SP: EDUSC, 2003.

ECO, U. **Lector in fabula**: a cooperação interpretativa nos textos narrativos. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. **The way we think**: conceptual blending and the mind's hidden complexitie. New York: Basic Books, 2002.

FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. **Semântica Cognitiva**: ilhas, pontes e teias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

GARCIA, Orthon M. **Comunicação em prosa moderna**: aprenda a escrever/ aprenda a pensar. 26. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

LAKOFF, George. **Women fire and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LEITE, R.L. **Metaforização textual**: a construção discursiva do sentido metafórico no texto. 2007. 212 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

MARCUSCHI, L. A. Referenciação e progressão tópica: aspectos cognitivos e textuais. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 48, n. 1, p. 7-22, 2006.

PESSOA, Fernando. **Poemas Completos de Alberto Caeiro**. São Paulo: Nobel, 2008.

RIZATTI, C. L. Da teoria prototípica da categorização de Rosch à teoria de protótipos de Kleiber. **Revista Língua & Literatura**, v. 3, n. 6 e 7, p. 11-24, 2001.

ROSCH, Eleanor. Natural categories. **Cognitive Psychology**, n. 4, p. 328-350, 1973.

Para citar este artigo

MOURÃO, Jessé de Sousa. A instabilidade das categorias e os processos de recategorização na escrita e leitura do texto literário. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 3, n. 2, p. 4-17, mai.-ago. 2014.

O autor

Jessé de Sousa Mourão possui graduação em Letras - Inglês pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2012), Especialização em Língua Inglesa pela faculdade Instituto Superior de Educação Programus-ISEPRO (2013). Mestrando em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará-UECE (em andamento). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Ensino de Língua Inglesa, atuando principalmente nos seguintes temas: linguística cognitiva, ensino, língua inglesa e metodologias.

Este trabalho foi financiado pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP.